

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE NOVO ARIPUANÃ
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA**

VALDERLENE CORREA RODRIGUES

**LUTAS DO CAMPO: VIVÊNCIA DE TRABALHADORES RURAIS DA
AMARJUMA – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PESQUISA**

Novo Aripuanã
2024




VALDERLENE CORREA RODRIGUES


LUTAS DO CAMPO VIVÊNCIA DE TRABALHADORES RURAIS DA AMARJUMA
Um relato de experiência em pesquisa


Trabalho final, apresentado a Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Centro de Estudos Superiores de Parintins - CESP, defendido no Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado (a) em História, sob a orientação do professor Me. André Luiz Passos Araújo.

Novo Aripuanã, 30 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. André Luiz Passos Araújo
Professor Orientador


Prof. Me. Leonardo Lucas Britto
Membro


Prof. Dr. Tenner Inauhiny
Membro

**LUTAS DO CAMPO–VIVÊNCIA DE TRABALHADORES RURAIS DA
AMARJUMA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PESQUISA**

*Valderlene Correa Rodrigues¹
André Luiz Passos Araújo²*

RESUMO: Este relato de experiência analisa o que levou a formação da associação de moradores Agroextrativistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Juma-AMARJUMA e sua atuação no Amazonas. A pesquisa ressalta que a organização comunitária surgiu da necessidade de uma representação legal e que se configurou como estratégia de resistência e empoderamento. Através da AMARJUMA, as comunidades ribeirinhas conseguiram melhorias em infraestrutura, educação e condições de vida, que antes eram precárias. Apesar das dificuldades a associação tem procurado conciliar práticas agrícolas mais sustentáveis com a preservação ambiental da região. Além disso, a pesquisa mostra que o associativismo é uma ferramenta importante para a luta por justiça social no meio rural Brasileiro.

Palavra-chave: Comunidades ribeirinhas. Associativismo. Justiça social.

1. Introdução

A trajetória dos trabalhadores rurais no Brasil, é marcada por opressão e violência, resultando em um contexto de desigualdade e injustiça social. Neste cenário, é relevante abordar que existe uma memória das lutas do campo quando se analisa a vivência de grupos de trabalhadores rurais. Nesse sentido o surgimento da Associação de Moradores Agroextrativistas da RDS do Juma (AMARJUMA) é um tema essencial para compreensão dessas lutas e da organização espacial e cultural ribeirinha de Novo Aripuanã. Essa organização civil é formada por homens e mulheres que lidam todos os dias com os desafios e dificuldades trazidos pelo modelo de desenvolvimento atual, além das particularidades das comunidades amazônicas e sua relação com a terra.

A AMARJUMA abrange 45 comunidades, totalizando 569 sócios ativos e uma vasta área de 589.611,28 hectares, localizada em distintas localidades, como Estrada, Rio Mariepauá e Rio Aripuanã. O tema das memórias e lutas do campo é fundamental para a valorização da cultura local, pois evidencia os desafios enfrentados e as estratégias de convivência em um contexto carente de políticas públicas voltadas para esse setor.

¹Graduanda do curso de Licenciatura em História, Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. *E-mail:* valderlenerodrigues96@gmail.com

²Professor Assistente do Curso de Licenciatura em História do Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – PPGH/UFAM. *E-mail:* luizpassos_am@yahoo.com.br

Compreender os elementos da vida cotidiana que levaram esses trabalhadores a se organizar em uma associação é essencial para entender a dinâmica das lutas e resistências no campo.

Para a construção deste estudo, foram realizados procedimentos como o levantamento e análise de bibliografia pertinente ao tema, análise documental da instituição e a utilização do método da história oral, que valoriza as narrativas e recordações das pessoas como forma essencial de entender tanto o passado quanto o presente.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: inicialmente, será apresentada a formação da organização institucional dos trabalhadores ribeirinhos, discutindo os elementos-chave da vida cotidiana que influenciaram essa formação. Em seguida, abordaremos as lutas e conquistas dos trabalhadores rurais, ressaltando suas relações com as condições de vida e trabalho. Por fim, será feita uma análise das implicações sociais, econômicas e ambientais das lutas do grupo de trabalhadores rurais da AMARJUMA, destacando sua relevância na promoção da sustentabilidade e conservação da RDS do Juma.

2. Procedimentos metodológicos

A pesquisa se baseia a partir das experiências vividas na zona rural em meio às lutas e dificuldades enfrentadas na comunidade Livramento, que hoje faz parte da AMARJUMA. Ao pesquisar, e testemunhar o cotidiano da vida no interior do Amazonas, trazer as memórias da luta do campo representa uma parte essencial, não só de uma história pessoal, mas também da história e da cultura da população rural.

Ao tratar as lembranças dessas batalhas, buscamos destacar não apenas as desigualdades enfrentadas, mas também o momento de resistência, lutas e união que levaram os trabalhadores ribeirinhos à sua organização institucional que deu origem à AMARJUMA. Nas palavras de Deglinomini (2014), “é através da memória que as informações do passado serão lembradas e vividas no presente, contribuindo para que novas descobertas aconteçam, pois, o conhecimento perdura entre o passado e o presente”. Em consonância com essa ideia, Paulo Freire nos lembra que, a libertação não é um ato individual, mas um processo coletivo, onde a verdadeira autonomia ocorre na comunhão (1987, p. 32). Essa interconexão entre memórias, lutas e coletividade é fundamental para a construção de um futuro mais justo, igualitário e autônomo.

Como base teórica e metodológica deste estudo optou-se por uma pesquisa qualitativa, compreendendo com isso, conforme explica Minayo et al.(2010, p. 21), concentrar a busca por dados em aspectos da realidade social que envolvem significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Além do método qualitativo, este trabalho percorreu os caminhos apontados pelo método da História Oral, que visa, segundo Meihy, (2015) produzir, tratar e analisar fontes orais registrados a partir das narrativas dos sujeitos relacionados com o tema. A pesquisa foi realizada no município de Novo Aripuanã, Estado do Amazonas, a partir de uma seleção de rede de depoentes onde foram selecionados um total de seis colaboradores, sendo 05 homens e 01 mulher, todos residentes e associados na região da RDS que, apesar de distantes entre si em idades, localidades e ofícios, compreendem uma amostra do grande grupo de sócios da AMARJUMA sendo alguns deles atuantes na diretoria da associação e dois membros sócios fundadores.

Em prol deste trabalho, utilizamos 6 entrevistas com pessoas que fazem parte do recorte temático deste trabalho, que foram: o Sro. Lázaro Correia Das Chagas, de 60 anos, entrevistado em 19 de Julho de 2024; o Sro. Edoniete Ribeiro Gonçalves, de 35 anos, entrevistado em 28 de Julho de 2024; a jovem Adriana Correa Serrão, de 27 anos, entrevistada em 30 de Julho de 2024; o Sro. Valdecy Marques Rodrigues, de 52 anos, entrevistado em 1 de Agosto de 2024; o Sro. Doracy Correa Paes, de 53 anos, entrevistas no dia 2 de Agosto de 2024; e o Sro. Manuel Carvalho de Paula, de 57 anos, que nos deu a sua no dia 3 de Agosto de 2024.

Para auxiliar a análise das fontes orais, foram consultados documentos da instituição como forma de dar suporte aos eventos narrados pelas testemunhas e que serviram de fonte produzida pela coletividade da associação.

3.Formação da organização institucional dos trabalhadores Ribeirinhos

A vida dos trabalhadores ribeirinhos é marcada por dificuldades impostas pela sociedade, como a precariedade das condições de vida e a ausência de infraestrutura básica, como saúde e educação. Como aponta Guimarães et al.(2020),de forma geral, as comunidades ribeirinhas enfrentam sérias carências em infraestrutura básica, como saneamento, eletricidade e serviços de saúde. Os acessos às cidades são frequentemente complicados, principalmente por causa de dificuldades financeiras e da grande distância. Isso faz com que as pessoas levem vários dias para se deslocar, geralmente utilizando os rios.

A ausência de infraestrutura básica como saneamento e eletricidade, não só prejudica a qualidade de vida dessas pessoas, mas também limita as oportunidades de crescimento econômico e social. Sem acesso a esses serviços, fica muito difícil para elas melhorarem suas condições de vida e construir perspectivas positivas de futuro para si e suas famílias.

Hoje de uma forma geral, essa população campesina, mesmo passando por esses desafios e dificuldades ainda são taxados como atrasados em função de persistirem em viver nessas localidades distantes da zona urbana. É um preconceito que constitui poderosas associações negativas, inserindo o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação (Williams, 1973, p. 11).

Contudo, é essencial nos indagar sobre essas narrativas e refletir sobre suas origens e consequências. O campo não é simplesmente um local de atraso e ignorância, mas sim um espaço rico em recursos naturais, conhecimento tradicional e cultura. Ao longo dos anos o campo tem sido o principal suporte da agricultura, da produção de alimentos e do aumento de práticas sustentáveis. Muitas das vezes essa visão negativa em relação ao campo está atrelada a desigualdade econômica e social entre esses lugares, mais especificamente a infraestrutura de serviços básicos. As políticas públicas priorizam o desenvolvimento das áreas urbanas em detrimento às áreas rurais, tornando assim desigualdades e cooperando para marginalização desses grupos (Mary, 2008, p. 40).

Na comunidade em questão não poderia ser diferente, uma vez que ela está inserida nesse contexto de colonização pouco assistida pelas políticas públicas. É essa realidade que levou à mobilização daqueles comunitários em busca de melhorias na sua qualidade de vida.

Uma vida cheia de dificuldades cria situações que podem favorecer uma organização comunitária a buscar alternativas de manutenção da vida nesses espaços. Nesse sentido, conforme indica Doracy, morador da comunidade Nova Jerusalém Rio Mariepauá, primeiro presidente da instituição e sócio fundador da AMARJUMA.

era difícil, era muito complicado. A agricultura que a gente trabalha hoje, com motor de serva mandioca, antes era no ralo. O transporte, a gente remava, era muito dificultoso as coisas. A maior parte das comunidades era na lamparina mesmo; o motor de luz não tinha na época. Nossa luz era lamparina, e muitas coisas que hoje têm, na época não tinham. Se adoecesse alguém a gente trazia de remo ou rabeta. Hoje, com a reserva e a associação, conseguimos voadeira, que ficou mais fácil. (Doracy Paes, 2024)

A partir dessa percepção da falta de recursos básicos e a falta de união dessas comunidades uma solução possível para dar maior possibilidade de engajamento social parecia

ser o Associativismo, que surge como uma idéia trazida junto com o projeto de implementação da RDS- Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Juma, que seria gerido pela Fundação Amazonas Sustentável (FAS)³. Como afirma Doracy.

Veio a idéia também da FAS. Quando chegou já tinha ideia, mas eles trouxeram a ideia, que era obrigado[...] do SEUC na época. E aí era importante, era obrigado a criar uma associação que era pra representar os moradores. (Doracy Paes, 2024)

No seu depoimento, ressalta a importância da criação de uma associação para representar os moradores, uma exigência imposta pelo Sistema Estadual de Unidade de Conservação (SEUC). Segundo ele essa iniciativa surgiu em resposta à necessidade de uma representação efetiva dessas comunidades. Como enfatiza o plano de Gestão:

De acordo com a lei que instituiu o Sistema Estadual de Unidade de Conservação (SEUC), (lei complementar N° 5/2007), o zoneamento é a definição de setores ou zonas em uma unidade de conservação, a partir de estudos prévios, com o objetivo de manejo e normas específicas, com o propósito de proporcionar os meios e as condições para que todos os objetivos da unidade possam ser alcançados de forma harmônica e eficaz. (Plano de gestão da RDS do Juma, 2010, p. 26).

A partir dessa definição de zoneamento de áreas, pensa-se não apenas a conservação ambiental, mas também considerar as necessidades das comunidades locais. Promovendo um equilíbrio entre conservação e desenvolvimento das comunidades. Conforme explica Adnilson e Alex (2022, p. 05) a gestão das áreas protegidas é caracterizada por um modelo participativo, que integra as comunidades locais nas decisões e conta com a colaboração de organizações da sociedade civil na formulação das atividades relacionadas à administração das Unidades de Conservação. Desse modo, para assegurar os direitos dessas comunidades, surge uma associação com documento de Concessão de Direito Real de Uso (CDRU). Como menciona o declarante:

Para legalizar tudo, tinha que ter uma associação, porque o CDRU, documento de terra, tinha que vir no nome da associação. Então, tinha que formar uma associação de qualquer maneira; uma não podia ser feita sem a outra. (Doracy Paes, 2024)

³ A fundação Amazonas Sustentável (FAS), é uma instituição não governamental, que atua como parceria na gestão da RDS. Isso significa que a FAS colabora com outras entidades e comunidades locais. O objetivo é conservar e usar a reserva de forma sustentável.

Dessa maneira, o contrato de direito de uso assegura para esses moradores a permanência de áreas comuns, garantindo que os membros passem a usufruir de suas unidades de forma segura. Nesse sentido, dentre as diversas formas de convivência em sociedade, o Associativismo é uma possibilidade eficaz para a formação de uma base social comunitária cujo princípio é a união voluntária de indivíduos, grupos ou organizações para alcançar objetivos em comum, compartilhando recursos, conhecimentos e esforços em conjunto visando o benefício geral. Vale perceber a consciência dos moradores a respeito da importância de se organizar, o que fica marcado na fala do Sr. Doracy:

[...]o nosso povo eles não tinham conhecimento sobre associação. Eles não sabem que a associação é um grupo de pessoas que tem o mesmo objetivo; buscar melhoria e qualidade de vida (Doracy Paes, 2024).

Mais à frente, com mais ênfase e convicção, beirando a redundância, ele emenda:

é um grupo de pessoas que tem o mesmo objetivo. Então, o associativismo é para que as pessoas tenham o mesmo objetivo, para que cheguem naquele objetivo. Isso é um associativismo: uma associação onde várias pessoas têm o mesmo objetivo. Isso é associativismo. (Doracy Paes, 2024)

Essa união pode ocorrer em diferentes áreas, como econômica, social, cultural ou política, visando fortalecer a colaboração e a representatividade dos participantes, promovendo o desenvolvimento coletivo e a melhoria das condições de vida da comunidade envolvida. Sendo assim,

ao representar a opinião de vários setores da sociedade comumente excluídas da representatividade, as associações[...] tornam-se alternativas renovadora de democracia, atuando como mediadoras de debates que apontam novas demandas e problemas, contribuindo com propostas mais detalhadas para suas soluções. (LUCHMAM *Apud* JÚNIOR, 2015, p.02)

Em confirmação ao exposto, tem-se que o associativismo é um fenômeno fundamental para o fortalecimento da sociedade civil, para a promoção da democracia e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. E foi por meio desse dispositivo que a AMARJUMA conseguiu alcançar o patamar de comunidade associada.

É através da cooperação e colaboração entre os civis e as associações que se pode contribuir significativamente para o desenvolvimento das comunidades, tanto no âmbito social, quanto no econômico e político. No caso em discussão, a análise dos documentos da associação revela que sua forma organizacional se pauta por uma participação ampla e democrática, com poucas exigências burocráticas para seu funcionamento, conforme previsto em seu Estatuto

Social (2022). Questões não contempladas no estatuto são deliberadas em assembleia geral, que confirma sua autoridade máxima, promovendo assim decisões democráticas e transparentes.

Em consonância Christoffoli (2015), atenta que as associações representam a forma organizativa mais predominante tanto no meio rural brasileiro quanto nos assentamentos. Ele ressalta que algumas das principais vantagens desse modelo incluem a facilidade de fundação e operação, a proteção do patrimônio dos sócios, em situação de dificuldade financeira. Nesse sentido a organização social ajuda a entender o que as pessoas precisam e enfrentam, promovendo ideias e permitindo acesso para resolução de problemas.

4.Lutas e conquistas dos trabalhadores Rurais e suas Relações com as condições de vida e trabalho.

No Amazonas, existem muitas comunidades que vivem perto dos rios e florestas. Essas pessoas chamadas de ribeirinhos e fazem parte de um grupo que dependem da natureza para viver. Seus modos de vida estão ligados com o meio ambiente tendo influência direta no seu cotidiano, o que impõe muitas contradições, uma vez que estão sempre no enfrentamento das dificuldades cotidianas de sua região, mas em harmonia com as forças da natureza.

Como menciona Vera Lucia (2000, p. 13) os povos que vivem às margens dos rios mantêm uma ligação constante com o seu entorno, o que pressupõe uma interação significativa com os elementos que compõem o cenário. Essa relação aparece em vários aspectos do seu cotidiano na preservação do solo, da água, da fauna e da flora definindo, em alguma medida, a identidade sociocultural dessas comunidades.

Tal ligação com o ambiente natural se contrapõe à forma como as sociedades urbanas frequentemente se relacionam com a natureza, na maioria das vezes, de maneira degradante ou exploratória. Essa realidade impõe às comunidades ribeirinhas o enfrentamento de diversas lutas, como relata o Sr. Manuel.

No caso, se hoje não fosse a gente daqui, regional nossa, o que seria se tivesse gente de Manaus ou de São Paulo, Brasília, em fim? Já basta que os grandes representantes são de longe. Se não tivesse a parte da gente, no caso, os moradores locais que tão na frente administrando, ele procura as comunidades, vê as necessidades e leva as demandas e tem como discutir melhorias. Se não fosse a associação, como seria nós hoje? Se não fosse através dela, muitas coisas não chegariam pra gente.(Manuel de Paula, 2024)

A fala do Sr. Manuel nos leva a refletir sobre a importância de criar um diálogo mais próximo entre as realidades urbanas e rurais. É importante que as necessidades de cada

realidade sejam respeitadas e consideradas nas decisões que impactam a vida das comunidades. Assim, garantindo que as comunidades locais sejam reconhecidas, ouvidas e atendidas de maneira adequada, promovendo um desenvolvimento mais justo e inclusivo para todos.

Não fossem apenas esses problemas, os ribeirinhos também passam por dificuldades em relação a atividades extrativistas profundamente predatórias que modificam seu modo de vida.

Na ausência de apoio institucional e fiscalização das instituições competentes, essas comunidades enfrentam grandes desafios, como a exploração ilegal de madeira, caça e pesca. Edoniete, morador da comunidade Cristo Rei do Rio Arauá, e atualmente Primeiro Secretário da instituição, afirma sobre essa situação:

Invasão, tanto por parte madeireira como caça e pesca, esses são uns dos principais problemas que a gente luta [...]as maiores coisas são por parte madeireira, invasão de madreiro, retirada ilegal de madeira. (Edoniete Gonçalves, 2024)

Esse depoimento demonstra a preocupação dos comunitários que se colocam na luta para proteger suas terras e recursos naturais. As invasões dificultam o acesso a alimentos essenciais, como peixes e frutas nativas que são muito importantes para a alimentação e a economia das famílias que residem nessas localidades.

Como mencionado por Ferronato e Nunes (2010, p. 01) os efeitos negativos sobre o meio ambiente resultam do desmatamento causado por atividades ilegais, como a construção de estradas, a derrubada de árvores, o transporte inadequado de toras, além da caça e pesca excessivas. Essa exploração descontrolada também leva à diminuição da biodiversidade.

Além disso, a necessidade de preservação do meio Ambiente que se torna uma tarefa difícil, quase impossível, se torna secundária pois, a urgência das necessidades básicas toma prioridade, conforme menciona o depoente a seguir:

tinha que ter recurso. Nós só vamos poder preservar quando tivermos, de fato, um recurso para nós sobrevivermos, e tranquilo, entendeu? Por que como é que você vai preservar se está passando necessidade? (Doracy Paes, 2024).

Ter recursos é muito importante para os ribeirinhos, como o senhor Doracy menciona. Esses recursos ajudam a atender as necessidades básicas, como comida, saúde e moradia, oferecendo um ambiente seguro e estável. De acordo com Fernandes e Irving (2017 p. 275), a compreensão acerca desse assunto é restrita na maioria das nações, e as ações voltadas para o reconhecimento e proteção dessas áreas são insuficientes. Portanto, a falta de ações e o

reconhecimento limitado podem ter efeitos muito ruins. Isso pode prejudicar não apenas a sobrevivência das comunidades ribeirinhas, mas também o meio ambiente.

Ademais, é fundamental reconhecer que, apesar das dificuldades enfrentadas, os trabalhadores ribeirinhos, através da associação AMARJUMA, têm conseguido conquistar importantes avanços na busca por seus direitos e na melhoria de suas condições de vida.

Antes da associação, a gente não recebia nada; depois que a associação foi criada, vários benefícios chegaram, vários projetos chegaram, então muitas coisas chegaram pra gente. E antes disso, você sabe que o governo nunca teve esse sentido de ajudar a gente. Então, através dela, vieram alguns projetos e, através deles, chegaram alguns benefícios. (Manuel de Paula, 2024).

O testemunho do senhor Manuel claramente demonstra o impacto significativo da AMARJUMA na vida dessas comunidades. Ele menciona que antes da fundação da associação, as comunidades não tinham apoio do governo, mas a AMARJUMA trouxe vários benefícios e projetos que melhoraram sua qualidade de vida. É nessa mesma direção que a fala do Sr. Valdecy, morador da comunidade Santo Antônio do Taciúá, Rio Aripuanã, destaca as conquistas trazidas pela AMARJUMA.

Foi a casa; as casas de farinha não mecanizada, mas ajudou muito... [...] é a parte econômica! [...] Na educação, já falei, né? Que é as escolas: Victor Civita, que é uma escola referência; a Samuel Benchimol, que fica na Boa Frente... também. (Valdecy Rodrigues, 2024).

Ao mencionar as escolas como conquistas trazidas pela AMARJUMA, os comunitários demonstram valorização da educação formal, indicando que a instituição não só se preocupa com questões econômicas, mas também o desenvolvimento educacional dessas comunidades.

Escola que você vê hoje, nossa unidade, não tinha antes; um ginásio grande como hoje tá tendo. Então, eu penso assim: que melhorou muito o ensinamento [...] Hoje a educação cresceu muito, que antigamente as famílias tinham que se deslocar pro município [...] E hoje não; hoje as coisas melhoraram muito, tem muitas coisas, até formatura lá dentro. (Manuel de Paula, 2024)

Doracy complementa dando destaque não só ao aspecto educacional, mas às melhorias estruturais que vieram junto dela:

E na educação foram os dois núcleos de sustentabilidade, que foi top demais [...] e social, mesmo, a gente conseguiu ali as lanchas, como já falei, as ambulâncias... 3 ambulâncias. Motores de luz, eu acredito que conseguimos perto de 60. Só na primeira vez foram 28 e, depois, a gente ia conseguindo mais [...] Graças a Deus, foi uma conquista muito grande. (Doracy Paes, 2024).

As declarações evidenciam as melhorias alcançadas na educação que evoluiu consideravelmente, permitindo que as famílias não precisem mais se deslocar para o município e, assim, contribuindo para um ensino mais acessível e de qualidade para as comunidades.

5. Implicações sociais, econômicas e ambientais das lutas do grupo de trabalhadores Rurais da AMARJUMA na promoção da sustentabilidade e conservação da RDS do Juma

É inegável que as lutas da AMARJUMA impactaram a vida da comunidade local, destacando as mudanças nas relações de produção e na participação social dos comunitários.

Com base na entrevista do Sr. Doracy, antes da associação as comunidades não eram organizadas de forma coletiva. A criação da AMARJUMA permitiu a estruturação e a representação formal dessas comunidades e despertou o senso de coletividade entre os indivíduos que pertenciam àquele espaço e a outros que apresentassem as mesmas pautas, o que pode ser observado na fala do depoente a seguir:

A gente lutou para conseguir; inclusive, tinha que aprovar no conselho. A gente conseguiu fazer pedir para o conselho aprovar pra eles se legalizarem, pra eles serem beneficiados. Isso é uma das conquistas. Eu lembro algumas aqui: foi uma das comunidades que a gente não tinha. A gente lutou para fazer uma lá, a Terra Preta, lá no Mariepauá. A gente conseguiu legalizar, organizar elas. E mais umas três por aí que a gente conseguiu. Eu não tô bem lembrado. (Doracy Paes, 2024)

Claramente, neste depoimento é possível identificar questões sociais como a luta para a legalização das comunidades que é um marco significativo. Isso não apenas reconhece a participação dessas comunidades, mas também abre caminhos para alcançar recursos básicos e serviços públicos que são essenciais para o desenvolvimento social e econômicos. Lázaro, morador da comunidade Abelha, Rio Mariepaua, também menciona sobre a importância da organização das comunidades ribeirinhas nas conquistas de direitos fundamentais para essas comunidades.

Organizar as famílias né? Tradicionais ribeirinhas que tão dentro da unidade de conservação. [...] formar a associação é um meio de porta de entrada, como as comunidades que não têm CNPJ, foi criada a AMARJUMA, que é a porta de entrada dos projetos que vêm para a unidade de conservação. (Lázaro das Chagas, 2024).

Nesse sentido a AMARJUMA acaba por cumprir uma parte de seus objetivos que são, a representação de grupos excluídos das políticas públicas, dando a elas dignidade e acesso

democrático a recursos e projetos. Assim “as associações[...] representam grupos e setores vulneráveis e excluídos; publicizam demandas e problemas sociais; e promovem e ocupam espaço de cogestão de políticas, enriquecendo as bases da participação e da representação política nas democracias contemporâneas”. (Junior et al 2015, p. 02).

Nessa perspectiva, as associações são meios importantes na promoção de inclusão social desses grupos vilipendiados, tornando mediadora de suas demandas e cumprindo papel importante na reivindicação de direitos básicos.

Seguindo esta linha, é importante destacar o impacto econômico trazido após a criação da associação para essa população local, visto que as conquistas retratam ganho na questão logística e que incentivam a produção de subsistência a ponto de gerar excedente que é facilmente escoado graças à estrutura montada para tal. O relato de Doracy é exemplar nesse sentido:

Melhorou tudo, melhorou muito, assim como eu terminei de falar sobre as pessoas que ralavam mandioca. Depois da associação, começou a ter motor de cevar mandioca e o transporte. Recomeçamos a escoar a produção em motor rabeta. (Doracy Paes, 2024)

Evidentemente, no depoimento do Sr. Doracy, é perceptível o impacto econômico. O acesso ao motor de cevar mandioca e ao transporte com o motor rabeta teve grande importância, possibilitando a mobilização e a capacidade na produção. Isso aumenta a produtividade, facilitando o transporte e gerando renda, trazendo mais oportunidade de venda de sua produção.

Esses impactos positivos também estão claros no depoimento da jovem Adriana de 27 anos moradora da comunidade Santana do Arauazinho, Rio Aripuanã. Quando perguntada a respeito das melhorias ela aponta:

Sim, teve algumas melhorias, como alguns recursos que veio pra comunidade como forno, roçadeiras, essas coisas assim! (Adriana Serrão, 2024)

A jovem, destaca benefícios implementados nas comunidades, isso reflete um avanço nas condições de vida local. O que também é perceptível no depoimento Sr. Edoniete.

Quando eu fui em 2006, a maior parte das comunidades não tinham motor de luz. Eles dependiam de lamparina; carregar água pra terra era no balde. Não tinham equipamento agrícola para trabalhar; era escasso equipamento. Com a chegada da associação, a história mudou. Muitas comunidades conseguiram motor de luz, com o projeto "Luz para Todos" na época. Aí teve comunidade que conseguiu motor de luz, motor bomba, caixa d'água; mudou o aspecto da comunidade. Os moradores que moravam isolados passaram a fazer parte de uma comunidade em um mesmo local, acessando todos esses benefícios:

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

escolas, saneamento básico na comunidade, assim, básico do básico mesmo. (Edoniete Gonçalves, 2024)

O depoimento mostra como a união e a organização comunitária foram fundamentais para proporcionar mudanças. A capacidade de buscar recursos e implementar melhorias estruturais é um exemplo de como a ação coletiva pode gerar resultados positivos.

Assim, pode-se, dizer que essas melhorias citadas pelos colaboradores fazem parte de um trabalho coletivo, visando o desenvolvimento comunitário. Em confirmação ao exposto, Lüchmann (2011), aponta que essas práticas de transformação nesses setores fazem parte de mais um conjunto de ação de políticas coletivas.

Após essa análise, é importante discutir as iniciativas da instituição na promoção da sustentabilidade e preservação do meio ambiente dessa região. Em relação a essas iniciativas fomentadas pela AMARJUMA, a fala do Sr. Edoniete, é esclarecedora:

A gente conseguiu, através da FAS e da SEMA, reativar uns projetos que estavam parados, inclusive um deles foi feito um experimento nas comunidades do Abelha, um na Boa Frente e, recentemente, um no Santo Antônio do Taciúá, lá no Rio Aripuanã, que foi a roça sem queimar. Então, a gente pôde aplicar essa atividade com eles para que a gente pudesse dar um olhar mais apropriado para o setor do meio ambiente. A educação ambiental também foi bastante aplicada nas comunidades, envolvendo os jovens para o futuro da comunidade, relacionado ao meio ambiente. (Edoniete Gonçalves, 2024).

O relato destaca algumas iniciativas que a Associação teve em relação ao meio ambiente, destacando a colaboração da FAS e da Secretaria Estadual do Meio Ambiente—SEMA na reativação de projetos voltados para esse setor. O “roçado sem queima” é um experimento realizado nas comunidades, que compara o uso de fogo e a limpeza sem fogo para avaliar os impactos na produção agrícola e no meio ambiente. Durante o processo as comunidades recebem doações de equipamentos, como fardamentos e utensílios, com apoio contínuo da SEMA. Após o cultivo, elas passam por treinamentos para a colheita mecanizada, visando aumentar a eficiência e a sustentabilidade das práticas agrícolas.

As ações ambientais são compartilhadas com as comunidades para orientá-las na preservação da natureza. Isso inclui práticas essenciais, como o descarte adequado de lixo, a realização de aceiros nos roçados e a limpeza das áreas comuns.

Em contraposição a essa visão, a prática do roçado sem queima se torna um desafio muito grande para essas comunidades, como menciona o Sr. Lázaro.

Sobre o roçado sem queimar, essa é uma coisa que, para nós, vai ser um desafio muito grande, até mesmo porque, quando se trata de não queimar, se trata de longo prazo. Não vamos colocar a curto prazo porque não tem como. [...] Vou dar um exemplo: se eu não tenho capoeira, vou ter que roçar na mata uma hectare e, para mim, limpar essa hectare na mata sem eu ter mecanismo vai ser a longo prazo. (Lázaro das Chagas, 2024)

Nesse contexto, onde a agricultura tradicional e as queimadas são comuns, a transição para o roçado sem queima se torna um desafio muito grande para essas comunidades. Ele enfatiza a falta de mecanismo e ferramentas adequadas, que pode ser um obstáculo na implementação de práticas mais sustentável. O que também está presente na fala do Sr. Doracy.

Ah, se for mecanizado, ele funciona; se for manual, não funciona. Porque mecanizado vai trabalhar a terra. Agora se for manual, assim, arrancar na tora, isso aí é tempo perdido. Não funciona pra nós dessa forma. (Doracy Paes, 2024).

É claro, nesse depoimento, que essas práticas agrícolas sem o mecanismo adequado são ineficazes para essas comunidades, resultando em prática menos sustentáveis pois tomam muito tempo de trabalho. Embora essa prática possa não trazer os resultados esperados devido a falta de apoio a associação sempre está formando parceria e promovendo a conscientização sobre esse tema, como enfatiza o Sr. Lázaro.

Só no apoio, de conscientizar mesmo. Porque pra isso mesmo quem trabalha mais é a SEMA, que realmente é parte dela. Nós só parceria mesmo com a SEMA e conscientização, porque nós temos que conscientizar mesmo. (Lázaro das Chagas, 2024).

Dessa forma, a atuação conjunta entre essas instituições pode ser vista como uma prática para transformar e ajudar a melhorar a realidade das práticas agrícolas, tornando mais eficazes e sustentáveis. Por outro lado, é importante reconhecer que as antigas práticas de produção, muitas vezes, estão profundamente enraizadas nas tradições culturais e nas formas de vida das comunidades.

Então, a gente mostrou para eles que o processo de roça sem queima no sistema agroflorestal [...] só que são costumes que esses usam; para a maior parte, usam o costume que já se arrastam, que é o corte raso com queima para suas plantações. (Edoniete Gonçalves, 2024)

Isso pode ser entendido como um reflexo de hábitos profundamente enraizados. O que pode dificultar a aceitação de métodos alternativos que, apesar de serem mais sustentáveis, exigem uma mudança de mentalidade e de práticas agrícolas.

6. Conclusão

Este relato de experiência sobre a pesquisa é essencial para reconhecer e valorizar a identidade cultural e social do homem e da mulher. Garantindo que o conhecimento tradicional seja mantido e passado adiante. Além disso, ao documentar suas experiências, pode servir como uma forma de resistência que lembra a luta por direitos e serve de inspiração para ações futuras.

No campo acadêmico, contribuirá a dialogar com diferentes áreas de conhecimento como; História, Economia e Meio Ambiente, tornando um campo de pesquisa mais amplo para compreender o processo de formação e atuação da AMARJUMA, enriquecendo dessa forma a análise histórica e social, trazendo uma visão mais abrangente sobre a temática.

A partir da união e a organização proporcionada pela associação foi possível alcançar espaço de reivindicação de direitos e de soluções coletivas para seus problemas. Isso fica nítido no depoimento dos moradores ao destacarem a conquista alcançada através da associação, como a estruturação de comunidades, acesso a recursos financeiros a construção de casas e criação de escolas que são fundamentais para o desenvolvimento social.

Além do mais, essa instituição tem buscado práticas que buscam harmonizar a produção da prática agrícola com a conservação do meio ambiente. Iniciativas como o roçado sem queima e educação ambiental nas comunidades, são possíveis alternativas para diminuição dos impactos ambientais, porém, precisam estar atreladas a práticas que garantam o sustento e não renunciem a conhecimentos tradicionais de modo a reduzir as contradições e resistência entre o novo e o velho.

A trajetória da AMARJUMA demonstra a importância do Associativismo como ferramenta de empoderamento e de lutas por justiça social no meio rural. Além disso, que a essa análise seja utilizada como fonte para estudos comparativos em relação a outras comunidades e associações de trabalhadores rurais em diferentes regiões da Amazônia, de modo a contribuir para uma visão mais ampla das formas de organização rural na região.

Por fim, este relato de experiência em pesquisa pretende deixar registrada a importância sobre as lutas camponesas na Amazônia que foi fundamental para minha formação e ampliou minha perspectiva histórica. Ela me permitiu compreender a diversidade de movimentos sociais e formas de resistência na história do Brasil, que até então eram poucos conhecidos para mim. Minha visão anterior estava focada nos grandes eventos e personagens urbanos. No entanto, ao explorar as mobilizações camponesas, descobrir uma rica variedade de processos, protagonistas e estratégias que enriqueceram minha formação.

7. Fontes Orais

Adriana Correa Serrão. **Lutas do campo- vivências de trabalhadores rurais da AMARJUMA:Um relato de experiência em pesquisa.** Entrevista concedida a Valderlene Correa Rodrigues. Novo Aripuanã, Amazonas, Julho de 2024

Doracy Correa Paes. **Lutas do campo- vivências de trabalhadores rurais da AMARJUMA:Um relato de experiência em pesquisa.** Entrevista concedida a Valderlene Correa Rodrigues. Novo Aripuanã, Amazonas, Agosto de 2024.

Edoniete Ribeiro Gonçalves. **Lutas do campo- vivências de trabalhadores rurais da AMARJUMA:Um relato de experiência em pesquisa.** Entrevista concedida a Valderlene Correa Rodrigues. Novo Aripuanã, Amazonas, Julho de 2024.

Lázaro Correia Das Chagas. **Lutas do campo- vivências de trabalhadores rurais da AMARJUMA:Um relato de experiência em pesquisa.** Entrevista concedida a Valderlene Correa Rodrigues. Novo Aripuanã, Amazonas, Julho de 2024

Manuel Carvalho de Paula. **Lutas do campo- vivências de trabalhadores rurais da AMARJUMA:Um relato de experiência em pesquisa.** Entrevista concedida a Valderlene Correa Rodrigues. Novo Aripuanã, Amazonas, Agosto de 2024.

Valdecy Marques Rodrigues. **Lutas do campo- vivências de trabalhadores rurais da AMARJUMA:Um relato de experiência em pesquisa.** Entrevista concedida a Valderlene Correa Rodrigues. Novo Aripuanã, Amazonas, Agosto de 2024.

8. Referências Bibliográficas

ALLEGRETTI, Mary. **A construção social de políticas públicas. Chico Mendes e o movimento dos seringueiros.** Desenvolvimento e meio ambiente.Ed;UFPR. n. 18. p, 39-59, Jul/Dez. 2008.

AMARJUMA. **Estatuto Social da Associação de Moradores Agroextrativistas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Juma.** Acervo AMARJUMA, Novo Aripuanã, 2022.

CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan. **Elementos Introdutórios para uma história do cooperativismo e associativismo rurais no Brasil.** Questão agrária, cooperação e agroecologia, *Reseachgate*.v. 1, p. 169- 187,Setembro 2015.

DE ALMEIDA, Adnilson Silva; COELHO, Alex Almeida. **Entre Parques e reservas : o processo de criação e a participação na gestão em unidade de conservação no estado do Amazonas.** Terra plural, v. 16, p. 1-20, 2022.

DEGLINOMINI, Liziane de Souza. **O uso da memória como meio de preservação da História e da cultura social,** 2014, p, 1-32. Monografia (pós-graduação a distância em gestão em arquivos)- Universidade Federal se Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014

FERNANDES-PINTO, E.; IRVING, Marta de Azevedo. **Sítios naturais sagrados: valores ancestrais e novos desafios para as políticas de proteção da natureza.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 40, p. 275-296, 2017.*Disponível em core.ac.uk.*

FERRONATO, Marcelo Lucian; NUNES, Reginaldo de Oliveira. **Exploração ilegal de madeiras na Terra Indígena Sete de Setembro**, Cacoal-RO. Revista Facimed, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDAÇÃO AMAZONAS SUSTENTÁVEL(FAS). **Plano de gestão da reserva de desenvolvimento sustentável do Juma**. Novo Aripuanã, Am, 2010. 1 v.

GUARIM, Vera Lúcia. “**Sustentabilidade ambiental em comunidades ribeirinhas**. III Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio- econômicos do Pantanal; Os desafios do novo milênio. Edição 03, 2000. Corumbá- MS, Editora, correios eletrônicos. P, 02-33.

GUIMARÃES, Ananias Facundes *et alli*. **Acesso a serviços de saúde por ribeirinhos de um município no interior do estado do Amazonas**, Brasil. Revista Pan-Amazônica de Saúde, v. 11, 2020.

JUNIOR, Zeno Carlos Tesseret *et alli*. **O papel do associativismo político na promoção da saúde**. Saúde & transformação social/ Health & Social charge, Florianópolis v. 6, n. 3 p. 1-8, 2015.

LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn. **Associações, participação e representação: combinações e tensões**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo, v 84, p. 141-174, Set, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como pensar como fazer**. São Paulo: Contexto, 2015.

MINAYO, Maria Cecília De Souza; DESLANDE, Suely Ferreira GOMES; Romeu. **Pesquisa social; teoria, método e criatividade**. Metrópoles-RJ, Ed: Vozes limitada, 2010

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: Na história e na literatura**. São Paulo: Cia das Letras, V. 199, 1973.